



Apesar dos esgotos, os garotos ainda se divertem

115962

Jardim Limoeiro reclama melhor infra-estrutura

Falta de iluminação das ruas e de rede de esgoto além da inexistência de segurança policial são as principais reclamações dos moradores do bairro Jardim Limoeiro, no município da Serra. Os moradores queixam-se também da irregularidade na coleta de lixo.

Devido à precária iluminação muitos assaltos acontecem, principalmente à noite. Ontem, às cinco horas da manhã, a sra. Isabel Baldi foi vítima de uma tentativa de assalto a 50 metros de sua casa, na "rua da Telest". Ela foi agredida pelo assaltante que conseguiu fugir depois que Isabel foi socorrida por vizinhos.

A rua da Telest não tem iluminação, como muitas outras do bairro. A rua possui os postes de iluminação, mas sem as luminárias. A iluminação existente na rua provém de lâmpadas que os moradores colocam na frente de suas casas.

Segundo a moradora Adalgisa Ferreira, o prefeito da Serra, sr. José Maria Feu Rosa, já visitou a rua e prometeu tomar providências. "Até agora, ele nada fez a não ser dizer que ia colocar três luminárias. Para nós, de nada adiantam três luminárias; nós queremos a iluminação de todo o bairro", disse a moradora.

Por causa da falta de iluminação, a estudante Tânia Maria Borsi, de 16 anos, disse que não tem condições de sair de casa depois das sete da noite. "Com as ruas escuras e o mato alto, é só pensar em sair de casa à noite para dar medo. Ainda mais agora, com o que aconteceu ontem com a minha vizinha Isabel", completou a jovem.

Com as ruas escuras os assaltos são muito facilitados e, na opinião dos moradores do bairro de Jardim Limoeiro, com o início das obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), aumentou muito o número de assaltos na região.

"O povo do bairro, os moradores mesmo são todos gente boa, honesta. Quem está provocando essa violência são essas pessoas de fora, que chegam aqui para trabalhar, não arranjam emprego, têm que se virar e acabam assaltando", disse o sr. Felisberto Borsi, morador do bairro há vários anos.

O posto policial mais próximo do bairro é em São Sebastião e os moradores de Jardim Limoeiro reivindicam, pelo menos, algumas viaturas para

fazer a ronda no bairro, principalmente à noite quando os assaltos são mais frequentes.

Para a moradora Adalgisa Ferreira, "tiro de revólver no nosso bairro é igual pipoca, de tanto que faz barulho". Atualmente, quando seus filhos saem de casa, seu marido os acompanha até o ponto de ônibus.

INFRA-ESTRUTURA

Outra grande reclamação dos moradores de Jardim Limoeiro é em relação à rede de esgoto. Na rua da Telest corre um esgoto a céu aberto, provocando mau cheiro e doenças nas crianças. Esse esgoto, no final da rua, acabou sendo represado e no local hoje existe um enorme matagal.

A casa de dona Isaura Ferreira Baldi está entre o matagal e o esgoto. "A gente dá remédio de verme para as crianças, mas não adianta, porque elas logo ficam doentes de novo. Além disso, tem os mosquitos e o mau cheiro. Quando chove eu fico sem condições de sair de casa", reclamou dona Isaura.

O bairro também tem uma coleta de lixo precária. O caminhão do lixo da Prefeitura da Serra nem sempre passa pelo bairro e, segundo os moradores, quando passa só recolhe o lixo que está dentro de sacos plásticos. Mas, sendo um bairro pobre, nem todos conseguem comprar os sacos plásticos e desse modo o lixo permanece pelas ruas.

As ruas estão também muito esburacadas e sem pavimentação. "Na rua do Hospital, que ainda vai ser inaugurado, não passa carro, de tão esburacada" declarou a sra. Solange Darde. "O bairro está numa posição privilegiada, é o menor de todos da região, é logo na entrada da rodovia, tem um posto de saúde, vai ser inaugurado o hospital, mas temos necessidade urgente de que a Prefeitura olhe para todos os nossos problemas. Temos tudo isso, mas somos esquecidos pela Prefeitura em outros aspectos", queixou-se dona Solange.

Os moradores do bairro esperam que o prefeito da Serra veja todos os problemas. "Dizem que o prefeito conseguiu Cr\$ 500 milhões para o município e esperamos ser beneficiados quando ele for utilizar esse dinheiro", comentou o senhor Felisberto Borsi.

Lutzemberger alerta para pesticidas

O professor José Lutzemberger ironizou ontem, no XII Congresso Brasileiro de Agronomia, em Guarapari que "a Secretaria Nacional de Defesa Vegetal do Ministério da Agricultura deve ser uma sucursal da Associação Nacional de Defensores Agrícolas, por permitir que uma série de venenos sejam vendidos livremente, apesar dos cuidados que se deve tomar em sua utilização".

Os "venenos" aos quais Lutzemberger se referiu, são os defensivos e fertilizantes agrícolas, que atualmente são vendidos sem qualquer controle, tanto para uso nas lavouras como em plantas domésticas.

Segundo ele, em casos de denúncias contra produtos químicos com alto teor de toxicidade, o denunciante é obrigado a provar suas afirmações, e não o fabricante dos pesticidas. Nas propagandas, disse, os defensivos agrícolas e fertilizantes são "apresentados como uma coisa boa", sem que se alerte para os perigos que trazem sua utilização, e "isto as indústrias fazem com apoio da Secretaria Nacional de Defesa Vegetal, que compõe uma máfia", denunciou.

Os dados que constam nos catálogos e nas fórmulas dos defensivos, segundo Lutzemberger, são determinados pelos fabricantes, que "divulgam apenas o que lhes interessa". Ele citou o exemplo

de um defensivo de origem alemã que quando aplicado à cultura de café, tem um prazo de carência para venda do grão de 120 dias, enquanto que este mesmo produto se utilizado na cultura de tomate, tem um prazo de carência de apenas 24 horas.

"O fato de o prazo de carência para o café ser maior, é porque este produto é consumido na Alemanha, por isto requer maior cuidados. Quanto ao tomate — disse — seu consumo é mais imediato e apenas no mercado interno, sem o perigo de intoxicar alguém na Alemanha e criar problemas para seu produtor".

Outro aspecto citado por Lutzemberger é sobre a lei básica dos pesticidas, que data de 1936, e que é utilizada até hoje, por não haver outra mais atual. Entretanto, o valor da pena para as indústrias multadas naquela época era de 100.000 Cr\$ 000 (cem mil réis) até 500.000 Cr\$ 000 (quinhentos mil réis), o que era uma fortuna, e em sua atualização os valores passaram para Cr\$ 0,10 (dez centavos) e Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Ele considerou esta atitude de não se corrigir os valores de acordo com sua desvalorização um "escárnio para o profissional de agronomia, que não multa uma empresa infratora por saber que os custos processuais nem compensam as multas".